

23 MAI 1992

6 com. Brasil

Momento crítico

O Brasil vive um momento crítico. Para uma nação cujo PIB é, hoje, praticamente o mesmo de há mais de uma década e que padece cronicamente de graves mazelas sociais, a avaliação anterior parece um clichê vulgar. A realidade é bem outra. Observados alguns indicadores, torna-se forçoso reconhecer que a situação é efetivamente crítica no sentido de que, dependendo do comportamento de certas variáveis econômicas, políticas e sociais, o País pode ter de fato "tocado o fundo do poço", como diz o ministro da Economia, e estar a ponto de iniciar um novo ciclo de desenvolvimento, ou estamos prestes a constatar que o poço tem um fundo falso e a afundar ainda mais na crise.

No último sábado, o ministro da Economia chegou a citar Guimarães Rosa ao comparar o momento atual com a "virada dos ventos" e prever que a economia brasileira crescerá 2% a 3% ainda neste ano. A estimativa transformou-se em manchete do *Jornal de Brasília* e de quase todos os veículos de comunicação. Na mesma edição, porém, este jornal revelava que o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) — órgão do Governo Federal, como se sabe — constatava que o quadro de desemprego no Brasil alcança proporções cada vez mais alarmantes. Os dados são de março, mas sabe-se que, desde então, e num futuro previsível, o nível de emprego, de salários, a margem de lucro da maioria das empresas e a arrecadação pública poderão parar de cair, mas dificilmente apresentarão melhora significativa.

Uma eventual e ainda não assegurada retomada do desenvolvimento econô-

mico não se traduzirá em melhoria substancial da situação do País. Afirmar o contrário seria demagogia ou auto-iliudir-se. Mesmo que as previsões do ministro da Economia se confirmem, isto significará que a economia terá crescido em 92 num percentual próximo ou ligeiramente superior ao crescimento da população. Isto é, em termos de PIB per capita, não teremos avançado.

É certo que elementos de natureza estrutural fazem com que, ao longo da história deste País, os frutos do crescimento e o preço das crises sejam desigualmente distribuídos sempre em prejuízo dos desfavorecidos. Há que se levar em conta, também, que taxas de desemprego elevadas têm sido uma constante nos últimos anos, mesmo em países governados por partidos de centro-esquerda, que sempre tiveram a questão do nível de emprego e de salários entre suas prioridades.

O caráter internacional da recessão e do desemprego não pode, entretanto, ser encarado como uma fatalidade e uma justificativa para a inação. Pelo contrário. Um elemento essencial das políticas governamentais anticrise, inclusive dos "pactos sociais", tem sido o estímulo de atividades anticíclicas, sem que isto envolva uma maior participação do Estado na economia e a implementação de programas de proteção às camadas sociais menos favorecidas. Iniciativas desta natureza encontram-se em estudo em diversas áreas do Governo. É preciso acelerar seu andamento tanto quanto agilizar o processo de modernização do Estado, em particular a reforma fiscal que tramita no Congresso Nacional.